

CONTRIBUIÇÕES DA PESQUISA SOCIOLINGUÍSTICA AO ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA NO BRASIL

Elza Sabino da Silva BUENO
Rosangela Villa da SILVA
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
elza20@hotmail.com
rvilla45@hotmail.com

RESUMO: O português é um dos idiomas oficiais da União Europeia. Na América Latina, com os acordos do MERCOSUR, o português é ensinado como língua estrangeira nos países que dele participam. No Brasil há tendência a incorporar palavras e expressões coloquiais e a simplificar a gramática e tem como preocupações principais: a expressão de afetividade por meio da entonação e da estrutura da frase, mais que por um vocabulário cuidadosamente escolhido, o que leva a se desenvolver no país uma linguagem que valoriza as inovações ocorridas nas diferentes regiões, geralmente de origem popular. Assim, o presente estudo propõe apresentar e discutir pesquisas realizadas no âmbito da pós-graduação, que revelam estudos envolvendo os pressupostos teórico-metodológicos da sociolinguística variacionista laboviana. As pesquisas estão constituídas por *corpus* do português brasileiro e as variações linguísticas analisadas são produzidas na modalidade oral da língua, identificadas como regionais, sociais ou individuais. A discussão das diferentes variações da linguagem, as características de cada tipo de variação e as possíveis causas dos fenômenos linguísticos analisados mostrarão de que forma a investigação contribui para o processo de ensino/aprendizagem do português, considerando o impacto que a presença de aspectos da oralidade da língua nos livros didáticos tem causado na sociedade brasileira.

Palavras-chave: Sociolinguística; Língua Portuguesa; Variação Linguística; Ensino.

Introdução

Num sistema linguístico, tudo é transformação, tudo é evolução, através de uma dinamização de sincronias até chegar à diacronia. A língua de ontem não é a de hoje e esta não será a de amanhã. Nessa perspectiva, a língua portuguesa, desde o seu nascimento, igualmente sofre essas mudanças, que refletem em todos os setores de sua estrutura, incluindo as transformações fonético-fonológicas em suas palavras, que são os chamados metaplasmos, um dos objetos de estudo dessa pesquisa em que alguns dicionários, dentre os quais Houaiss (2001) e Aurélio (2004) definem metaplasmo na rubrica retórica como um desvio da correta composição fonética da palavra, em face da métrica e do ornamento; e na rubrica linguística como a designação comum a todas as figuras que acrescentam, suprimem, permutam ou transpõem fonemas nas palavras. Metaplasmo do grego $\mu\epsilon\tau\alpha$ = além + $\pi\lambda\alpha\sigma\mu\acute{o}\varsigma$ = formação, *transformação*, é o estudo das modificações fonéticas dos vocábulos através de sua evolução cuja finalidade é a eufonia.

Assim, a sociolinguística que é uma ciência nova que surgiu na década de 60 estuda as variações da língua inserida no contexto social em que se encontra o falante no momento da enunciação e busca explicações para a escolha de uma variante linguística em detrimento de outra. Ela verifica ainda que variáveis linguísticas ou sociais podem influenciar o uso de um dado fenômeno linguístico. Em nosso caso, o processo evolutivo histórico-linguístico de certos vocábulos da língua portuguesa falada no Brasil, isto é, os chamados metaplasmos, no sentido de verificar as evoluções sofridas pelas línguas, traçar o perfil linguístico dos usuários dessa língua e ditar tendências de uso concreto em situações reais de comunicação, tendências

essas que, às vezes, nem chegam a ser usadas e entendidas por todos os falantes, uma vez que a língua é dinâmica e heterogênea, muda no tempo e no espaço para atender às necessidades do falante na sua interação e integração com os demais membros da sociedade. Este, por sua vez, muitas vezes nem percebe que a língua mudou, mas não há como nem por que ignorar as mudanças, Bueno (2009), pois elas fazem parte do processo evolutivo da própria língua.

Essas mudanças ou evoluções podem ser de natureza fonético-fonológica, morfológica, sintática, semântica, estilística ou pragmática. Neste estudo nos atemos àquelas do ponto de vista fonético-fonológico por tratar da variação, queda ou substituição de fonemas na língua falada na cidade sul-mato-grossense de Nova Andradina.

Diante do exposto, vale ressaltar que o primeiro estudioso a se preocupar com a linguística inserida no contexto social foi Millet, porém de modo bastante sutil. Essa nova ciência foi mais tarde denominada sociolinguística e, segundo o autor *op. cit* os fatores sociais poderiam determinar as diferentes escolhas de uma determinada variante. Porém é a partir da década de 60, com William Labov que os estudos sociolinguísticos começam a se desenvolver nos EUA e em outras partes do mundo, inclusive no Brasil.

Hoje já são muitos os trabalhos realizados e publicados nesta área de estudo que vem modificando a atitude de diferentes estudiosos face à própria concepção de linguagem, em que os resultados dessas pesquisas refletem não apenas nas descrições das línguas, mas também as questões educacionais exigidas pela diversidade linguística do mundo moderno, de modo especial, no Brasil, por ser um país constituído de diferentes raças, línguas e costumes. Porém, essas mudanças linguísticas não ocorrem de um dia para o outro, nem aleatoriamente, Castilho (1998), elas ocorrem em todos os aspectos da língua, especialmente na modalidade falada, por ser esta a modalidade mais exposta e sujeita ao uso diário no meio social, sofrendo adaptações, para atender às necessidades de seus falantes, e recebendo confrontos da vida cotidiana, sem cuidados especiais e mais livres do policiamento da sociedade elitizada.

Essa língua falada é usada em rodas de amigos, em bares, em casa e em todos os aspectos da vida social. Essa linguagem que ocorre livremente em diferentes contextos é denominada por Labov (2008) “vernáculo da fala”. Por isso, pode-se dizer que qualquer relação que se possa fazer entre língua/fala/linguagem e sociedade e que determine o “valor” de uma variante linguística em detrimento de outra, faz parte dos estudos sociolinguísticos, inseridos no contexto sócio-histórico e cultural do falante/ouvinte.

Partindo desse pressuposto, a presente pesquisa tem por objetivo verificar as variáveis histórico-linguísticas na fala urbana da comunidade novandradinense e a influência que variáveis sociais como gênero e faixa-etária do falante exercem na escolha de uma forma linguística no uso cotidiano em situação informal de conversação, Marcuschi (2003). Para a elaboração deste estudo foi necessária a gravação de doze inquéritos do tipo DID (diálogo ente informante e documentador), em que foi colhida a fala espontânea de falantes de ambos os gêneros, de diferentes faixas etárias, todos residentes na cidade de Nova Andradina-MS.

1. Aporte teórico-metodológico

Para trabalhar esta parte da pesquisa que trata do aporte teórico faz-se necessário falar da linguística histórica e de sua importância no processo de evolução da língua, dos diferentes tipos de metaplasmos tratados pelas gramáticas históricas e daqueles específicos presentes no *corpus* da pesquisa, além do perfil do informante selecionado para o estudo, das normas utilizadas para a transcrição das entrevistas, da seleção dos fenômenos linguísticos a serem pesquisados e analisados com base nas variáveis sociais anteriormente citadas e na importância desse fenômeno linguístico para o ensino de língua portuguesa.

1.1 Linguística histórica

Houve um tempo em que se acreditava na existência de apenas uma língua. Essa ideia deixou muitos estudiosos interessados e preocupados em descobrir qual e, como seria essa língua mãe de todas as outras. Estudos começaram a ser feitos e surgem muitas teorias, inclusive a do método histórico comparativo. Esses estudos levavam os pesquisadores a descobrir a raiz de outros idiomas, como o latim, p.e., que se originou do indo europeu.

De todos esses estudos, o mais importante, talvez, seja o surgimento da linguística histórica que, além de tais descobertas, abriu caminho para novos estudos e métodos explicativos sobre fenômenos linguísticos próprios do sistema linguístico das línguas naturais.

Segundo Faraco (2005/1998) a linguística histórica ocupa-se da transformação e da evolução das línguas no tempo e no espaço. Os linguistas que dela se ocupam procuram apresentar e compreender estas mudanças, orientando-se na execução dessas tarefas por diferentes sistemas teóricos, seja de forma diacrônica ou até mesmo sincrônica da língua em uso.

Partindo desse pressuposto, para a elaboração desse estudo utilizamo-nos da gramática histórica de Coutinho (1976) e de Carnevalli (1990) com o intuito de entender como esses processos, isto é, como esses metaplasmos ocorrem hoje na fala dos informantes pesquisados e qual a sua importância para o ensino da língua portuguesa falada no Brasil. Para concretizar tal explicação contamos com exemplos selecionados da fala dos informantes, em situação espontânea de comunicação, para compreender os processos ou as evoluções que a palavra sofreu no decorrer do tempo e no espaço geográfico de uso da língua.

1.2 Metaplasmos – as diferentes definições para um mesmo fenômeno

De acordo com Carnevalli (1990) as mudanças fonéticas que uma dada língua sofre no decorrer de sua evolução histórica, também chamadas de metaplasmos, são variantes às quais se acrescenta, suprime-se, permuta-se ou transpõe-se fonemas às palavras. Os metaplasmos resultam de uma alteração provocada numa sequência de fonemas ou grafemas que se integram na unidade imediatamente superior, que é a palavra. Dessa forma podemos classificá-los em quatro tipos de evoluções específicas sofridas pelas palavras. Temos os metaplasmos por aumento, supressão, permuta e transposição. Todos eles serão detalhadamente explicados no decorrer deste estudo, com exemplo da fala do informante.

O autor *op. cit.* destaca que nem sempre foi assim, lembra-nos que os metaplasmos já receberam outros nomes e conceitos (barbarismos, solecismos, arcaísmos e neologismos) e que estas mudanças, não eram bem aceitas e entendidas pelos falantes “puristas” da língua.

Barbarismos são palavras geradas por regras próprias da língua, já os neologismos são palavras de criação recente ou emprestadas de outros sistemas linguísticos, usadas para designar coisas novas, desconhecidas, oriundas de outras culturas. Alves (2007) destaca que existem dois tipos distintos de neologismos: a neologia de forma e a neologia de sentido. A primeira designa uma nova forma de criação de algo já existente. São exemplos desse tipo de neologismos as palavras criadas por prefixação, sufixação ou hidrismos, além do uso de siglas. A neologia de sentido ocorre quando uma palavra passa a ter uma acepção, um significado antes inexistente ou pode resultar na mudança que ela sofre em um dado contexto linguístico-social de uso da língua.

Vale ressaltar que os neologismos são um procedimento bastante antigo e recorrente, presentes em todas as línguas. Ocorreram na passagem das palavras do latim para o português, são usados para diferenciar objetos pertencentes a outras culturas que já traziam consigo uma bagagem muito grande em termos de linguagens, como ofícios diferentes, objetos, símbolos religiosos, eram também chamados de estrangeirismos.

Faraco (1998) afirma que apesar da abundância de vocabulário, a língua necessita da criação de novas formas expressivas. Esses meios de expressão são chamados neologismos, já os estrangeirismos provêm do desejo fecundo de novas criações, por necessidade, preguiça, comodidade, gosto artístico ou para marca um estilo de uma determinada época.

Atualmente, as palavras tomadas do inglês para designar termos relativos à informática é um bom exemplo de neologismos. Assim, há resistência para que esses termos não se propaguem na língua criando, inclusive termos equivalentes, porém, nem sempre são aceitos pela sociedade, como as gírias, p. e, usadas pelos adolescentes, mas estigmatizadas pelas pessoas que dominam a modalidade padrão de língua.

O solecismo é uma construção de frase não gerada pela regra gramatical de uma língua numa época determinada ou não aceita por normas ou usos julgados corretos. Esse uso é estigmatizado na visão da gramática normativa, pois fere os seus princípios norteadores e cheios de regras para o uso “correto” da língua. Neste sentido, podemos ouvir construção do tipo: “vende-se casas” ou “ele ama tu” que para a gramática normativa é considerada uma afronta às normas de bom uso da língua. Às vezes é comum a confusão entre solecismos e barbarismos, mas, vale lembrar que o segundo trata-se de uma mudança que ocorre em uma palavra independente, já o solecismo ocorre dentro de termos complexos ou em uma oração completa, veja: “vende-se casas” e “vendem-se casas”, em que a segunda construção é bem aceita pelas normas gramaticais, podemos, inclusive dizer: “casas são vendidas” daí a exigência de uso do verbo vender na sua forma pluralizada.

Arcaísmos são palavras pertencentes a um grupo desaparecido ou em processo de desaparecimento, por ter sido preterido por outro termo equivalente. São exemplos de arcaísmos termos literários que já foram usados e que hoje já não são considerados e, às vezes, não aceitos pelos falantes da língua em situação de enunciação.

Essas formas de arcaísmos são comuns em gerações anteriores, em que é comum ouvir jovens falando em termos ultrapassados para seus pais e avós que pertencem a outras gerações, e esses termos, certamente, tiveram sua importância na época em que eram usados.

Os combates a essas mudanças foram irrelevantes ou insuficientes, porque as variações e mudanças são inerentes ao sistema linguístico da língua em uso pela comunidade. As palavras mudam de significado para atender às necessidades dos falantes no seu processo de interação social e comunicacional, como o próprio Saussure (1989, p.89) advertiu “é o indivíduo que fala, portanto, é ele que muda sua fala de maneira a atender suas necessidades”.

Diante do exposto, podemos dizer que as pessoas mudam a forma de falar, de pensar e de comunicar. Além das mudanças de uma geração para outra, mesmo que inconscientemente, conforme sua evolução e a tendência de mutabilidade, as pessoas tendem a simplificar suas vidas da melhor forma possível, foi assim desde o início da evolução com a criação de ferramentas como o machado pré-histórico até a invenção de novas tecnologias como o telefone celular e o computador, com a língua não seria diferente, uma vez que ela serve de ferramenta para a comunicação e transmissão de ideias entre os seres pertencentes a uma determinada comunidade de fala. Segundo Bueno (2003), às vezes o falantes nem percebe que a língua mudou, mas não há como nem por que ignorar tais mudanças já que elas são inerentes a todas as línguas vivas e em processo constante de evolução linguística.

Há na língua diversos exemplos de alterações fonéticas, disso resultando vários tipos de metaplasmos, que merecem ser considerados na fala popular dos usuários da língua portuguesa do Brasil, assim é de notar-se alguns registros ocorridos entre componentes de populações rurais brasileiras e de pouca escolaridade, como em determinados grupos sociais que usam a língua de maneira informal e despreocupada. A seguir tratamos cada um dos tipos de metaplasmos encontrados no *corpus* e seus reflexo no português local.

2. Os diferentes tipos de metaplasmos encontrados no *corpus* da pesquisa

Nesta parte da pesquisa tratamos apenas dos metaplasmos encontrados na fala dos informantes, em que cada exemplo dado é retirado do discurso oral dos falantes, discurso esse que constitui o material linguístico deste estudo sobre a variação fonético-fonológica, em que temos metaplasmos por acréscimo, supressão, transformação e por transposição.

2.1 Metaplasmos por acréscimo

Esse tipo de metaplasmo caracteriza-se pela adição de um fonema a uma palavra, seja no início, no meio ou no final. Destacamos que tratamos apenas os tipos encontrados na fala dos informantes. Vejamos alguns desses metaplasmos.

a) **Prótese:** é o acréscimo de um fonema no início de uma determinada palavra:

1. “... eu mi tornei moça com a idade di catorzi anu, mas nu foi tudu bom purque eu tivi vergonha di contá pra minha mãi i **adepois** eu chorava... chorava bastanti.... aí meu deus du céu será qui eu mi machuquei.... (HI,80/AN/NA)¹.

b) **Ditongação:** é o acréscimo de uma semivogal para a formação de um ditongo:

2. “... ah... um dia **nóis** afundamu um boti.... **aliais** u boti afundo cum **nóis**...” (CMO,36/AL/NA).

2.2 Metaplasmos por supressão

Esse tipo de metaplasmo sofre um processo de redução de fonema que pode ser no início, no meio ou no final da palavra.

a) **Aférese:** é a queda de um fonema no início da palavra, lembrando que na fala popular, esse tipo de metaplasmos é muito comum.

3. “...ela saia pa roça seis hora da manhã... era longi... dava mais di treis quilometru... intãu elis im cima di corru pa puxá madera.. aí di tardi elis vinha nu mesmu carru **panhá** agudãu... **rancá** amenduim.... **rancá** fejëu... era assim a vida da minha mai...” (HI,80/AN/NA).

b) **Síncope:** consiste na queda de fonema no interior da palavra. No português popular é bastante frequente o uso dessa forma de metaplasmo.

4. “... é qui nem lá ondi a genti istuda.... u pessual fala qui apareci uma mulhê **dentu** du banheru... eu já ouvi várias pessoa **comentanu** issu... um **memu**.... ah::: tem uma mulhê qui apareci nu banheru sem cabeça.. eu já vi várias vezis nu banheru i nu vi nada lá **dentu**... a nun se qui ela só vai lá a hora qui eu num to lá né? (risos) só si disincontra di mim...” (MJMS,34/AL/NA).

c) **Apócope:** consiste na queda de um ou mais fonema no final da palavra. A apócope pode ocorrer ainda nos casos em que se deseja usar uma palavra condenável pela moral social

5. “... meus planus pu futuro hoji é **tê** uma família né? mais pra frenti si deus **quisê**.... **tê** uma fãmia i **segui** a vida du jeitu que deus **mandá**....” (WDT,18/AL/NA).

¹. A sigla HI refere-se às iniciais do nome da informante de 80 anos, AN diz que a informante é analfabeta, isto é, não possui nenhum nível de escolaridade, nem a habilidade de ler e escrever, moradora na cidade de nova Andradina-MS (NA).

- d) **Crase:** é a fusão de duas vogais em uma só.
6. "... achu qui us pais diviam procurá comprede us fíus... dialogá mais né? (WDT,18/AL/NA).
- e) **Sinalefa ou elisão:** é a queda de uma vogal no final da palavra quando a palavra seguinte começa por vogal.
7. "... só si u sistema muda aqui nu Brasil... qui num to confianti qui é **pragora...** si nu futuru issu muda as coisa acontece certim i nu fica elas **purelas...**" (MA,21/AL/NA).
- f) **Monotongaço:** ocorre quando um ditongo se reduz a uma simples vogal.
8. "... é aí ondi a **puliça** entra qui é presu é queli negóciu... eli entra lá comu presu sai di lá comu assaltanti di bancu purque essi sistema carceráriu ou penitenciáriu é uma **verdadera** universidade di crimi.... vamu dizê assim né? (MA,21/AL/NA).

2.3 Metaplasmos por transformação

Esse tipo de metaplasmo consiste na substituição de um fonema por outro.

- a) **Vocalizaço:** é a troca de uma consoante por vogal, como podemos constatar nos exemplos a seguir.
9. "... deus mi ajudo qui eu comprei essi ranchu **veiu** qui aí eu to moranu aqui... hoji eu to bem... nu to purque ta cum treis meis qui a **veia** morreu... (MDN,82/AL/NA).
- b) **Assimilaço:** ocorre quando um fonema em contato com outro sofre mudança por ter articulações parecidas ou comuns.
10. "... ah::: quando **minina** eu gostava di brincá di casinha di buneca cum meus primus..." (ASN,24/AL/NA).
- c) **Nasalizaço:** é a substituição de um fonema oral por um nasal.
11. "... eu gostaria muito di fazê um **inxami** i passa quem sabi eu nu passi em uma universidade estadual..." (WDT,18/AL/NA).
- d) **Desnasalizaço:** é quando um fonema nasal passa a oral.
12. "... eu gosto di fazê **tatuagi**... tatuu muitas pessoa... ah u purque da **tatuagi**... elis procura pur diversão... outrus né? pur lazer... isporti..." (WDT,18/AL/NA).
- e) **Rotacismo:** é a troca do fonema l pelo fonema r.
13. "... eu gosto de ovi música **crássica**..." (CMO,36/AL/NA).

2.4 Metaplasmos por transposição

São aqueles que têm seus fonemas ou acentos tônicos deslocados, são também conhecidos por metaplasmos por permuta. Os metaplasmos por permutação consistem na troca ou inversão de letras no interior da palavra. A permutação pode ocorrer ainda não só por fonema, mas por sílaba inteira na palavra, Brandão (1989).

- a) **Metátese:** ocorre quando um fonema muda de lugar dentro da palavra.
14. "... assim cum uns catorzi anu formei né? apareceu pra mim... desceu né? i eu fique morrenu di **vregonha**..." (ML,67/AL/NA).

b) **Hipértese:** ocorre quando um fonema muda de uma sílaba para outra.

15. “... eu num tivi comu istudá... parei porque as firma mudava di lugá intãu eu tinha qui acompanhá i us **pratãu** nu dexava...” (HAM,76/AL/NA).

Os metaplasmos foram um processo comum na passagem das palavras do latim para o português e, até hoje influenciam as mudanças linguísticas, sejam elas de natureza diatópica ou diastrática.

Nesta parte tratamos dos critérios utilizados para a seleção dos informantes, o método usado na coleta e no armazenamento do material selecionado para a pesquisa. Mostramos os procedimentos de abordagem no momento das entrevistas, os desafios buscados, tudo o que é necessário para superar os obstáculos e caminhar rumo à próxima etapa da pesquisa que é análise dos dados e a discussão dos resultados obtidos.

2.5 O perfil do informante selecionado para a pesquisa

Um dos objetivos desta pesquisa é encontrar explicação para possíveis influências que variáveis como gênero e idade do falante podem exercer na escolha de uma variante linguística, pelos falantes da comunidade de Nova Andradina, sendo assim, usamos alguns critérios importantes em trabalhos de campo na área da sociolinguística.

A primeira variável considerada foi o gênero do falante, que pode ser um importante influenciador no uso de uma forma linguística, em que segundo Paiva (1994) homens e mulheres falam diferente não apenas na voz ou no timbre, mas também na escolha de um determinado vocábulo, às vezes, até mesmo devido a certos “tabus sociais” que geram “tabus linguísticos”, Preti (1982).

A segunda variável é a idade do falante, em que trabalhamos com três faixas etárias distintas que cobrem os seguintes intervalos: de 15 a 30 anos, de 31 a 45 anos e de falantes com idade acima de 46 anos.

À primeira faixa etária pertencem pessoas jovens que estão em busca de uma colocação no mercado de trabalho, buscam uma estrutura social mais definida, já possuem contato social mais amplo e diversificado; por outro lado, suas vidas estão repletas de encontros e desencontros, característicos da “adolescência”.

As pessoas com mais de 46 anos já estão inseridas no mercado de trabalho, muitas vezes já estão realizadas profissionalmente. O grupo do qual fazem parte já está estabelecido e têm uma vida social mais intensa e despreocupada.

À segunda faixa etária pertencem pessoas com idade entre 31 a 45 anos, pode-se dizer que tal faixa é o elo que liga as duas outras descritas anteriormente.

A coleta do material linguístico foi realizada tomando por base as variáveis descritas. As entrevistas foram realizadas em forma de narrativas de experiência pessoal, em que os falantes tiveram a oportunidade de contar episódios de suas vidas em que segundo Tarallo (2007) as narrativas “de experiência pessoal têm demonstrado que, ao relatá-las, o informante fica envolvido com o que relata que presta o mínimo de atenção ao como relata, lembrando que por si só a presença do pesquisador e do gravador já traz alguma insegurança ao entrevistado.

Para eficácia das entrevistas, elaboramos um roteiro com perguntas, em que foram abordados os seguintes tópicos no momento da conversação face a face: brincadeira de infância, namoro, casamento, escola, trabalho e, principalmente o tópico perigo de morte, pois segundo Labov, quando o assunto refere-se a fatos vivenciados de forma intensa pelo falante, este se envolve com a narrativa de forma que, neste momento, o pesquisador coleta o verdadeiro vernáculo, isto é, a verdadeira fala espontânea do informante e é, justamente, este tipo de fala almejado nos estudos de natureza sociolinguística.

2.6 Levantamento do material para composição do *corpus* da pesquisa

O *corpus* de uma pesquisa de natureza sociolinguística compreende as entrevistas coletadas ou os dados referentes a um certo tipo de dialeto ou língua que se pretende investigar, em nosso caso especial, é a língua falada por moradores da cidade de Nova Andradina-MS e o uso da variação linguística, isto é, da variação histórica que ocorre na fala dos referidos informantes.

Para a constituição do *corpus* da presente pesquisa, entrevistamos doze informantes dispostos a contar sobre as suas vidas e suas experiências. Para que isso fosse possível, esses informantes obedeceram a critérios brevemente estabelecidos, como: pertencer às faixas etárias definidas no projeto, pois segundo Naro (1994) a idade do falante pode ser um fator importante na escolha de uma variante linguística, além de serem moradores na cidade e região de Nova Andradina.

Após a gravação, as entrevistas foram transcritas obedecendo às normas de transcrição do Projeto NURC/SP e à maneira de falar dos informantes cujo interesse era traçar o perfil linguístico dos falantes, e, de posse das transcrições demarcar as variantes a serem analisadas, selecioná-las e estudá-las, de forma a atingir os objetivos propostos e apresentar os resultados da fala espontânea dos falantes pesquisados.

2.7 Levantamento das variantes presentes no *corpus* da pesquisa

Os fenômenos linguísticos encontrados no *corpus* da pesquisa foram estudados caso a caso. Para estudá-los, estes foram organizados em fichas para melhor manuseio e visualização de cada caso. Para facilitar o estudo e análise, separamos os tipos de metaplasmos em categorias e tipos de evolução, p. e.: a palavra *memo*, encontrada na fala dos informantes, foi destacada e separada do restante do *corpus* em uma ficha. O segundo passo foi encontrar o seu processo de formação, em que verificamos que se trata de uma síncope e que pertencia ao grupo de metaplasmos por supressão, então juntamos estas palavras às outras que tinham o mesmo processo de formação.

Depois de todas as variantes separadas por tipos, subtipos, gênero e idade do falante, procedemos à contagem das formas para saber o total geral de todos os metaplasmos por acréscimo, permuta, transformação e supressão e depois o total geral por gênero e faixa etária do falante. Com isso obtivemos os totais gerais de cada tipo e subtipo, o que tornou possível saber quais foram os metaplasmos mais usados e quem usou mais, se homem ou mulher, se jovens ou se adultos e, por fim, proceder às comparações entre essas variáveis que são apresentadas nas tabelas 1, 2, 3 e 4.

3. Análise dos dados e discussão dos resultados

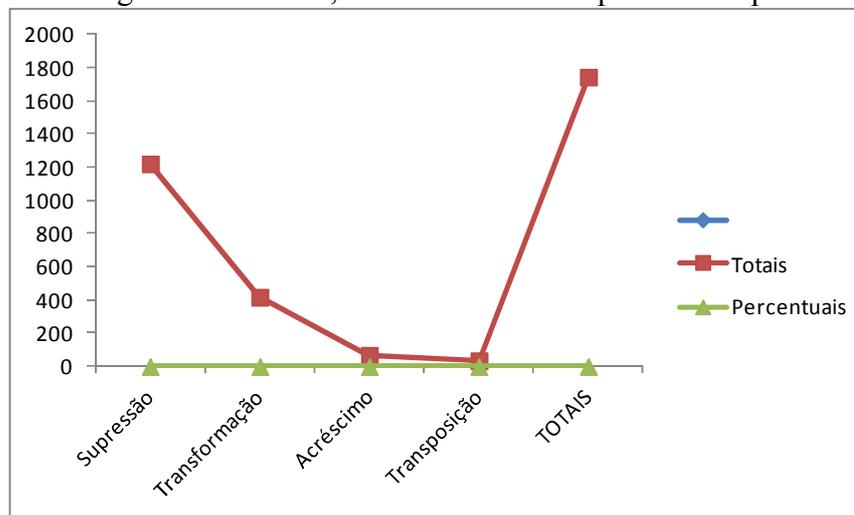
Nessa parte uma das mais importantes da pesquisa, apresentamos os resultados obtidos, de acordo com as variáveis sociais pesquisadas como gênero e faixa etária do falante, no sentido de verificar se tais variáveis exercem influência no uso ou na escolha de uma determinada variante linguística, seja histórica ou não. Mostramos também os tipos de evolução histórica que esses metaplasmos sofreram no tempo e no espaço. Para uma melhor visualização e compreensão, os resultados foram mostrados por meios de tabelas e quadros.

3.1 Frequência de uso dos metaplasmos

As evoluções linguísticas ocorreram em diversos momentos na fala dos informantes e de várias formas, ou seja, em pelos menos quatro tipos distintos de metaplasmos que são: por acréscimo, supressão, transposição e transformação e os subtipos de cada uma dessas

evoluções, em que obtivemos um total geral de 1.744 ocorrências. Vejamos os resultados do gráfico e das tabelas a seguir em que nos atemos a descrever apenas o uso dos tipos mais acentuados (os que tiveram 70% e 24% de uso) na fala dos nossos entrevistados, todos residentes na região de Nova Andradina-MS.

Gráfico 1 - Totais gerais dos dados, de acordo com os tipos de metaplasmos



Diante dos resultados ilustrados no gráfico 1, podemos dizer que há uma acentuada tendência de os falantes do português da região estudada fazerem uso do metaplasmo por supressão, com um total de 1.221 e 70% das ocorrências, seguido do metaplasmo por transformação, com 418 casos e 24% de uso. Em seguida vêm os demais tipos pesquisados, em uma proporção menos significativa, se comparado ao primeiro, em que os metaplasmos por acréscimo apresentaram 69 casos com um percentual de 4% e os por transposição perfizeram 2% do total geral de todas as ocorrências.

Podemos ainda agrupá-lo de acordo com seus subtipos, em que os 70% ou as 1.221 ocorrências de metaplasmos por supressão ficam assim distribuídas:

Tabela 1 - Subtipos de metaplasmos por supressão usados pelos falantes

Metaplasmos por supressão/subtipos	Totais	Percentuais
Apócope	403	33%
Síncope	391	32%
Monotongação	290	24%
Sinalefa	73	6%
Aférese	52	4%
Crase	12	1%
Total	1.221	100%

Os resultados da tabela 1 mostram que os metaplasmos por supressão do tipo apócope e síncope são os mais recorrentes, seguidos pelos demais subtipos.

Com relação aos metaplasmos por transformação que representam 24% do total geral, temos a seguinte distribuição, de acordo com seus subtipos:

Tabela 2 - Subtipos de metaplasmos por transformação usados pelos falantes

Metaplasmos por transformação/subtipos	Totais	Percentuais
Rotacismo	159	38%

Desnasalização	108	26%
Vocalização	71	17%
Assimilação	51	12%
Nasalização	29	7%
Total	418	100%

Dos casos de metaplasmos por transformação, o uso mais acentuado se deu com o rotacismo, seguido pela desnasalização e vocalização na fala dos informantes.

No que diz respeito aos 4% de metaplasmos por acréscimo, os subtipos mais usados foram a ditongação que consiste no acréscimo de uma semivogal para a formação de um ditongo.

16. “... olha.... um dia **nóis** tava tudu num barcu... piquenu sabi???. **aliais** um boti qui afundo cum **nóis treis**... foi um grandi sustu” (CMO,36/AL/NA).

e a prótese que é acréscimo de um fonema no início de uma palavra:

17. “... eu i minha irmã ficamu moçinhas com a idade di trezi i catorzi anu, mas nu foi bom purque eu tivi vergonha di contá pra minha mãi i **adepois** eu num sabi u qui tava acontecendu... chorei bastanti.... pensei qui tivessi mi machucadu... minha irmã tamém.... (HI,80/AN/NA)

Dos 2% dos metaplasmos por transposição, os mais usados foram a hipértese e metátese. O primeiro subtipo ocorre quando um fonema muda de uma sílaba para outra. Já o segundo caso ocorre quando um fonema muda dentro da mesma sílaba.

18. “... então nós num istudemu... paramu purque as firma mudava di lugá intãu nós tinha qui acompanhá us **pratãu**... meu pai num dexava a genti muda di trabalhu...” (HAM,76/AL/NA).

3.2 Frequência de uso dos metaplasmos de acordo com o gênero do falante

Em pesquisa realizada na capital da Irlanda, pesquisadores observaram três diferentes comunidades da classe trabalhadora, examinando a variável /th/ e a frequência de sua emissão em palavras como “mother” e “father”, perceberam que há diferenças entre os sotaques masculino e feminino, e que as mulheres se inclinam a usar formas padrão com o /th/ e, quanto mais jovem falante, maior a diferença relacionada ao gênero na pronúncia de tal segmento.

De acordo com o relatado, podemos observar que as mulheres são mais sensíveis às formas de prestígio e se aproximam mais do padrão da língua do que os homens. Os resultados obtidos na nossa pesquisa não foram diferentes, o que vai ao encontro dos resultados alcançados por Paiva (1994) em seus estudos sobre a variável gênero do falante.

Por outro lado, sabemos que durante muito tempo, as mulheres tiveram sua identidade esquecida, pois não eram tidas como pessoas importantes para o desenvolvimento social, cultural e profissional, ficando restritas às atividades domésticas, à criação dos filhos e ao marido. Porém a partir dos anos 60 elas começam a conquistar sua independência, nos diferentes aspectos da vida social. Essas realizações refletem-se na linguagem, pois na assertiva de Saussure (1989) a pessoa quando fala reflete sua situação na fala.

Vejamos os dados da tabela a seguir, com relação ao uso de metaplasmos, de acordo com o gênero dos nossos informantes.

Tabela 3 - Totais gerais de uso dos metaplasmos, de acordo com o gênero do informante

Tipos de Metaplasmos	Masculino		Feminino		Percentuais/ Gerais
	Quantidade	Porcentagem	Quantidade	Porcentagem	
Supressão	820	56,6%	401	48%	70%
Transformação	229	21,3%	189	33%	24%
Acréscimo	35	12,7%	34	12%	4%
Transposição	19	9,4%	17	7%	2%
Total	1.103		641		100%

Os dados da tabela 3 mostram que a fala das mulheres se aproxima da modalidade padrão da língua, Monteiro (2000) ao acrescentar que, em todas as classes sociais, as mulheres lideram a percentagem de formas de prestígio em oposição aos homens. Os resultados da nossa pesquisa vão ao encontro dos dados relatados por Labov e pelos pesquisadores irlandeses.

3.3 Ocorrências de metaplasmos, de acordo com a faixa etária dos falantes

A ideia de que homens e mulheres falam diferente trouxe dúvidas constantes, inclusive quanto ao comportamento linguístico, em que as diferenças entre os gêneros não estariam apenas na parte física, mas também na mental. Um artigo publicado na Revista Veja de 17 de setembro de 2003, intitulado: “A conquista do equilíbrio da mente humana” revela em uma pesquisa realizada na Universidade da Califórnia, em Berkeley, nos Estados Unidos, que quando se trata de inovar, as mulheres são mais conservadoras do que os homens.

O artigo revelou que as mulheres tendem a ser mais responsáveis em todas as idades, e que esse traço continua acentuado depois dos trinta anos, enquanto que os homens precisariam de seis anos a mais para chegar ao mesmo nível de disciplina.

Para tentar explicar alguns processos de variação e mudança linguísticas que ocorrem na linguagem de homens de mulheres na comunidade pesquisada, trabalhamos com três faixas etárias distintas que vão de 15 a 30 anos, de 31 a 45 anos e com falantes com idade acima de 46 anos cujo objetivo é verificar se a idade do falante tem influência significativa ou não no uso dos metaplasmos selecionados para este estudo.

Tabela 4 - Totais gerais de uso dos metaplasmos, conforme a faixa etária do informante

Tipos de Metaplasmos	De 15 a 30 anos		De 31 a 45 anos		Acima de 46 anos	
	Homem	Mulher	Homem	Mulher	Homem	Mulher
Supressão	148	92	361	229	233	158
Transformação	51	46	107	63	98	53
Acréscimo	9	6	18	11	16	9
Transposição	6	5	8	7	6	4
Total	214	149	494	310	353	224

Os resultados da tabela 4 mostram que os metaplasmos por supressão são os tipos que apresentaram mais incidências no *corpus* da pesquisa, seguidos pelos outros tipos e subtipos.

Com relação às três faixas etárias pesquisadas, percebe-se que os falantes mais jovens têm um cuidado visível com a linguagem. Diante dos dados é possível aferir que os da faixa etária intermediária (31 a 45) são os que mais cometeram desvios linguísticos da norma padrão da língua no uso dos metaplasmos, fato que vai de encontro dos resultados de outras pesquisas na área da sociolinguística, que revelam que os mais jovens usam mais os desvios seguidos dos mais velhos e os da faixa intermediária preocupam-se mais com a linguagem, os resultados dos nossos dados mostram o contrário.

Em nosso caso, acreditamos que tal desvio de comportamento, com relação a outras pesquisas realizadas na área, se deu tendo em vista que os entrevistados estavam todos empregados, fato que os deixa mais “livres” e confiantes sobre o uso da linguagem.

Apresentamos na tabela apenas os tipos principais de metaplasmos presentes na linguagem dos informantes, porém, quando se fala de subtipos os resultados são bastante semelhantes, em que o uso acentuado de desvios recai ainda nos falantes da faixa etária intermediária.

Considerações finais

Em face do exposto, conclui-se que os metaplasmos, por serem alterações fonéticas verificadas nas próprias palavras da língua, emigram e peregrinam através do tempo, até permanecerem essas alterações estáticas por algum período, e outra vez se modificam, tudo ao sabor do uso dos falantes, dentro de sequências diacrônicas e sincrônicas.

Com relação ao gênero dos falantes, os dados mostram que as mulheres são mais conservadoras que os homens, aproximando-se mais da modalidade padrão da língua portuguesa, verifica-se diante desses fatos que elas têm mais sensibilidades e utilizam mais as formas ditas de prestígio, uma vez que além de estarem mais envolvidas com a educação dos filhos, a sociedade, de certa forma, espera das mulheres um comportamento linguístico mais definido, haja vista as cobranças que essas sofrem em todos os momentos de suas vidas.

No que diz respeito às diferentes faixas etárias estudadas, as pessoas mais jovens demonstraram maior sensibilidade às formas ditas padrão, uma vez que estão buscando colocação no mercado de trabalho e a sociedade exige-lhes um comportamento linguístico mais próximo possível do padrão formal da língua falada e escrita.

Ao final deste estudo vale ressaltar que os metaplasmos tiveram e continuam a ter um papel bastante importante no processo de variação e mudança linguísticas na língua portuguesa, seja do ponto de vista sincrônico ou diacrônico. Porém, além dessas formas linguísticas históricas denominadas metaplasmos relatadas neste estudo, existem outras formas que também tiveram sua participação e importância nessas mudanças ocorridas no tempo e no espaço.

Vale ressaltar ainda que esta pesquisa não representa um todo, trata-se apenas de uma amostra significativa da fala dos informantes selecionados e das variantes utilizadas por estes no processo de interação verbal e comunicacional, com objetivos claros e definidos e que procurou revelar e resgatar a história da língua portuguesa falada na comunidade alvo e a importância do uso de tais formas linguísticas para o português local.

Referências

- ALVES, Ieda Maria. *Neologismo: criação lexical*. São Paulo: Ática, 2007.
- BRANDÃO, Roberto de Oliveira. *As figuras de linguagem*. São Paulo: Ática, 1989.
- BUARQUE, Aurélio de Holanda. *Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004
- BUENO, Elza Sabino da Silva. *Nós, a gente e o bóia-fria: uma abordagem sociolinguística*. São Paulo: Arte e Ciência, 2003.
- BUENO, Elza Sabino da Silva & SAMPAIO, Emílio Davi. A monotongação do ditongo no português falado em Dourados. In: *Estudos da linguagem e estudos de literatura*. Dourados: Ed. UEMS, 2009, p. 10-25.
- CARNEVALLI, Leonildo. *Sistema metodológico e pedagógico para o ensino dos metaplasmos*. Assis-SP: UNESP, 1990.

CASTILHO, Ataliba Teixeira *A língua falada no ensino de português*. São Paulo: Contexto, 1998.

COUTINHO, Ismael de Lima. *Pontos de gramática histórica*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.

FARACO, Carlos Alberto. *Linguística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas*. São Paulo: Ática, 1998.

_____. *Linguística histórica*. São Paulo: Parábola, 2005.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

LABOV, William. *Modelos sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola, 2008.

MARCUSCHI, Luiz. Antônio. *Análise da conversação*. São Paulo: Ática, 2003.

MONTEIRO, José Lemos. *Para compreender Labov*. Petrópolis – RJ: Vozes, 2000.

NARO, Anthony. Idade. In: MOLLICA, Maria Cecília. (org.). *Introdução à sociolinguística variacionista*. Caderno Didático da UFRJ. Rio de Janeiro: UFRJ, 1994, p63-81.

PAIVA, Maria da Conceição. Sexo. In: MOLLICA, Maria Cecília. (org.). *Introdução à sociolinguística variacionista*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1994, p.54 a 73.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 1989.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo: Ática, 2007.